

**LEITURA NO HIPERTEXTO E ATIVIDADE: NOVOS OU VELHOS USOS PELA ESCOLA
NOS MATERIAIS IMPRESSOS PARA 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Barbara Cibelli Da Silva Monteagudo

Eixo 7 - Propostas curriculares e materiais pedagógicos no ensino e na formação de
professores

- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Este artigo tem como objetivo principal entender como a atividade de leitura tendo como suporte o hipertexto é abordada na Proposta Curricular do Estado de São Paulo e nos Cadernos dos Professores, documentos oficiais da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Foi realizada uma investigação de pesquisa documental, com abordagem interpretativa e análise microgenética, primeiramente houve pesquisa bibliográfica sobre história e concepções de leitura no hipertexto, tendo como referencial a Teoria Histórico Cultural e teóricos como Bakhtin, Chartier e Bajard, que subsidiaram a análise e categorização dos materiais para investigar se a leitura constitui-se enquanto atividade que proporcione aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e se os materiais realmente se constituem enquanto mediadores neste processo. Constatou-se que existem avanços significativos nas concepções de leitura presente na proposta pedagógica, com a perspectiva conceitual da leitura enquanto sentido a ser construído e ensinado pela escola, no entanto, nos cadernos dos professores do 1º Bimestre da 5ª série (6º ano) do Ensino Fundamental, o uso que o material faz está ligado à concepção de leitura enquanto vocalização, pronúncia e não enquanto atividade de sentido a ser desenvolvida, a situação se agrava quando foca-se a leitura no hipertexto, temos presente um discurso de uso das tecnologias, porém, o uso restringe-se a sugestões aos finais das unidades de sequência didática. Conclui-se que nas concepções presentes nos documentos existe intenção de formação de um leitor autônomo, no entanto, ao organizar as sequências didáticas no caderno do professor, as intenções não se consolidam em práticas capazes de formar o leitor. Palavras-chave: Leitura, hipertexto, currículo Ensino Fundamental

LEITURA NO HIPERTEXTO E ATIVIDADE: NOVOS OU VELHOS USOS PELA ESCOLA NOS MATERIAIS IMPRESSOS PARA 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bárbara Cibelli da Silva Monteagudo. UNESP, Marília.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende investigar o uso do hipertexto digital pela escola enquanto novas práticas sociais de leitura, utilizando-se do mapeamento das orientações e recomendações impressas sobre leitura produzidas para o 1º bimestre do 6º ano do Ensino fundamental da rede pública estadual paulista, das concepções e práticas presentes nos materiais de todas as disciplinas do referido ano.

O pressuposto orientador da pesquisa é o da Teoria histórico-cultural, tomando por referencial Bakhtin que tem a leitura como atividade cultural e histórica. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e interpretativo, usando como metodologia a análise documental que pretende identificar as manifestações de leitura do hipertexto digital, suas práticas nos materiais que regulam o cotidiano da sala de aula, a leitura enquanto discursos presentes na cultura, como sentido, como diálogo com o outro, onde ao ler a palavra do outro, possa se fazer descobertas e com elas novos sentidos construídos, novas formas de pensar, no outro e com o outro.

O foco da pesquisa é a relação entre as concepções (proposta curricular), práticas (cadernos do professor e aluno) e conceito de texto na perspectiva de Bakhtin(2006), bem como o ciberespaço como suporte do texto. A pesquisa pretende compreender os modos de uso do ciberespaço proposto no materiais oficiais e o direcionamento de como ensinar o ato de ler, se fazem uso das práticas sociais de leitura.

A pesquisa pretendeu identificar as concepções, manifestações de leitura do hipertexto digital e as práticas que orientam os professores presente nos materiais impressos:

“Normalmente, as pesquisas possuem duas categorias de estratégias de coleta de dados: a primeira refere-se ao local onde os dados são coletados (estratégia-local) e, neste item, há duas possibilidades: campo ou laboratório. [...] A segunda estratégia refere-se à fonte dos dados: documental ou campo. Sempre que uma pesquisa se utiliza apenas de fontes documentais (livros, revistas, documentos legais, arquivos em mídia eletrônica, diz-se que a pesquisa possui estratégia documental.”(APPOLINÁRIO, 2009, p.85).

Também Chartier(1999), reconhece as práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de apropriação, o que permite pensar as diferenças na divisão, que postula a invenção criadora no próprio cerne de processos de recepção, perceber as

práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinada sociedade, o que equivale a dizer, os empregos diversos dos mesmos bens culturais se enraízam nas disposições do *habitus* de cada grupo. Assim, a coleta de dados da pesquisa se constituiu de coleta bibliográfica sobre história da leitura e sobre o conceito de leitura dentro da matriz histórico-cultural que subsidiou a análise documental do material impresso e das orientações da SEE-SP, objetivando levantar qual concepção e prática está presente nos materiais oficiais, se existe necessidade formativa sobre leitura no hipertexto, bem como refletir sobre o papel do professor enquanto mediador no processo de construção de uma escola pública de qualidade.

Escola, leitura e ciberespaço: novos ou velhos usos?

A pesquisa teve início com o estudo da cibercultura como um novo espaço de práticas sociais de leitura, de pensar no uso e nas relações do suporte digital no contexto escolar com o ensino do ato de ler proposto nos materiais oficiais. Como a escola, no nosso caso, o currículo estadual paulista, tem se apropriado do uso da internet? Ela se constitui enquanto um novo suporte para ensinar o ato de ler, enquanto sentido construído pelo leitor? Os materiais oficiais se constituem em fonte que propicia a construção de uma instituição capaz de “conceituar as TICs, não como mero instrumento, no sentido técnico, tradicional, mas como algo tecnologicamente novo e diferente, capaz de ampliar o poder cognitivo do ser humano e possibilitar mixagens complexas e colaborativas do conhecimento”?(ARENA, 2008, pág.220).

Também, Levy(1996) destaca que o hipertexto é a virtualização do texto, já que o suporte digital permite novos tipos de leitura e de escrita coletiva. Parto do princípio de que a leitura enquanto objeto cultural também se transforma ao longo da história e novos usos, formas, suportes vão sendo incorporados pela humanidade, haja visto, a leitura feita no volumen, depois no codéx, e agora a ecrã. Segundo Chartier(1999), o uso do hipertexto possibilita manuseio e intervenção do leitor de forma mais livre e numerosa do que qualquer outro suporte visto até agora, possibilita ao leitor uma maior autoria, com o desaparecimento da hierarquia autor/leitor, já que os dois passam a ser construtores do texto. Para os autores citados anteriormente, o suporte muda a leitura e não o texto, já que nos relacionamos de forma diferente com o texto, não cabendo aqui criar hierarquias entre texto linear ou não-linear (hipertexto) e sim compreendê-los dentro de suas especificidades.

Seja leitura no ecrã ou no codéx, o leitor é o mediador do significado na construção do sentido, é o protagonista de seu processo, o sujeito ativo, que sente necessidade de ler e compreender o mundo. Entretanto, a escola precisa pensar em

ensinar o ato de ler, como atitude intencional, de natureza ideológica, que segundo Bakhtin(2006), dá-se enquanto enunciado, elemento discursivo que se concretiza, nos diversos gêneros orais e escritos, elemento de comunicação humana, que deve ser tratado pela escola como instrumento e objeto de ensino.

O enunciado se concretiza nos gêneros, que por sua vez estão em suportes digitais ou não. O texto digital altera a identidade do livro, no sentido de que muda o que antes era textual e material, hoje adquire uma materialidade não possível há algumas décadas atrás, os e-books são a prova desta nova forma de ver e ler livros. Os gêneros se materializam em diversos suportes, na forma digital adquirem uma nova materialidade, o digital proporciona uma ruptura entre o suporte , texto e leitor. Antes, havia a necessidade de ambas as mãos para segurar o livro e folheá-lo, hoje a relação é outra, a aparente linearidade da leitura do texto ´quebrada, desmantelada ao construir um processo de leitura com buscas por links que se ligam formando uma rede. O leitor se torna também autor de sua leitura, faz opções, constrói seus próprios caminhos, que provavelmente não se repetirá da mesma forma em outra leitura, pois a busca do sentido se processa de uma nova forma, não linear, portanto, única no sentido de percurso, de um caminhar em busca do sentido.

Assim, hipertexto causa muitas alterações ao mesmo tempo, alterações nas técnicas de reprodução do texto, no suporte e até mesmo na forma e nas práticas de leitura. Ao se falar em texto impresso e digital, surge a ideia de que possa sobrepor-se ao outro, um meio não significa o desaparecimento do outro, já que o leitor traça seus caminhos de leitura em ambos.

Para Foucambert(1980), o ciberespaço também se constitui de animação, multimídia, cores, sons que podem ser facilitadores ou inibidores da capacidade de leitura. A mudança no suporte digital promove nova relação entre leitor, obra e o próprio autor, o suporte acaba se resignificando sem a materialidade do papel, de forma não linear, o que dá ao leitor a possibilidade de escolher o que irá ler, de criar as conexões do hipertexto rompendo com a ideia de linearidade. A estrutura física e sequencial que o leitor vai construindo em seu próprio texto através de suas escolhas, lhe possibilita uma “autonomia”, ao ler constrói o sentido e vai construindo sua própria autoria.

Afirmo que a não linearidade não ocorre apenas no texto digital, Levy(2000) aponta que não é de todo novo o aparecimento do hipertexto digital, a novidade é o suporte e a velocidade com que o acessamos. Para Levy(1993), as revistas e jornais constituem-se como hipertexto, que o leitor estabelece as conexões de acordo com suas escolhas. O suporte digital reconfigura a postura do leitor, gestos e modos de ler como algo que vai se transformando enquanto processo, basta observarmos o teclado do computador, que no início se assemelhava muito com o teclado da máquina de escrever e

hoje estamos aos poucos nos acostumando com os touch screen, já que a existência não implica ruptura no uso, ter clareza do uso que fará do texto digital emerge como algo necessário à escola, caso queiramos realmente fazer uso do hipertexto digital na formação do leitor de novos modos de ler e escrever enquanto práticas sociais vivenciadas, objetivadas no seu dia a dia.

Para Chartier(2002), primeira revolução da história do livro é quando salta do rolo de papel para o códice, porém, maior é o salto para o suporte eletrônico, que para Ribeiro (2006), reconfigura nossa prática de leitor, por se parecer com uma troca retro alimentada de forma não linear, um processo mental. A seguir, após conceituar leitura como busca de sentido, ao discutir a não-linearidade do leitor e o texto digital como uma prática social de leitura em nosso tempo, faço o levantamento de todo material do currículo estadual paulista do 1º bimestre do 6º ano do ensino fundamental, a proposta curricular, na tentativa de perceber se o discurso presente na proposta curricular se concretiza nos cadernos do professor e alunos nas atividades propostas, dialogando com autores que conceber ler como atribuir sentido. Também levanto se a leitura no suporte digital aparece como prática social de uso pela escola.

Leitura, currículo oficial e caderno do professor:divergências ou convergências?

O primeiro documento que levanto é o currículo da Secretaria Estadual de Educação:

[...]”O Currículo se completa com um conjunto de documentos dirigidos especialmente aos professores e aos alunos: os *Cadernos do Professor e do Aluno*, organizados por disciplina/série(ano)/bimestre. Neles, são apresentadas Situações de Aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos e a aprendizagem dos alunos. Esses conteúdos, habilidades e competências são organizados por série/ano e acompanhados de orientações para a gestão da aprendizagem em sala de aula e para a avaliação e a recuperação. Oferecem também sugestões de métodos e estratégias de trabalho para as aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares.”(Currículo do Estado de São Paulo, 2010,p.8).

A pesquisa teve cunho qualitativo, o recorte de uma série e de um bimestre da série escolhida teve a intenção de buscar uma análise interpretativa, com análise dos cadernos de todas as disciplinas, porque a proposta curricular faz menção a formação do leitor em todas as disciplinas, tem como pressuposto a leitura e escrita em todas as disciplinas.

A tabulação dos dados e a análise, por se tratar de 8 disciplinas, ficou organizada por disciplina, com a categorização das concepções presentes na proposta curricular, das práticas implementadas através dos cadernos dos professores, a reflexão e análise na perspectiva histórico-cultural. Bajard(2007), foi o autor escolhido para um

diálogo entre discurso oficial e os materiais orientadores da prática, ficando organizados por disciplinas, escolhi ele como principal autor para dialogar por ter a concepção de sentido presente em teóricos como Bakhtin(2006), Arena(2008, 2010) e Foucambert(1980).

Para melhor organização didática do texto, vou dividir em tópicos por disciplina, sempre fazendo recorte primeiro dos princípios da proposta curricular da SEE-SP, depois do caderno do professor que determina as atividades a serem desenvolvidas pelo professor, para depois, com Bajard(2007), tentar refletir e analisar se pressuposto teórico e práticas se materializam na busca de um leitor que busca o sentido. Para concluir cada disciplina, trago também a proposta de uso das tecnologias(tics) propostas. Espero conseguir trazer ao leitor toda descoberta que como pesquisadora construí ao longo do estudo.

1- INGLÊS:

[...] As novas tecnologias da informação promoveram uma mudança na produção, na organização, no acesso e na disseminação do conhecimento. A escola, sobretudo hoje, já não é a única detentora de informação e conhecimento, mas cabe a ela preparar seu aluno para viver em uma sociedade em que a informação é disseminada em grande velocidade. Vale insistir que essa preparação não exige maior quantidade de ensino (ou de conteúdos), mas sim melhor qualidade de aprendizagem. É preciso deixar claro que isso não significa que os conteúdos do ensino não sejam importantes; ao contrário, são tão importantes que a eles está dedicado este trabalho de elaboração do Currículo do ensino oficial do Estado de São Paulo. São tão decisivos que é indispensável aprender a continuar aprendendo os conteúdos escolares, mesmo fora da escola ou depois dela. Continuar aprendendo é a mais vital das competências que a educação deste século precisa desenvolver. Não só os conhecimentos com os quais a escola trabalha podem mudar, como a vida de cada um apresentará novas ênfases e necessidades, que precisarão ser continuamente supridas. (Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.18)

“Peça que leiam rapidamente e sublinhem os nomes de países, estados e regiões nele presentes” (caderno do professor inglês nº 01, página 19)

“Em seguida, leia o enunciado da Atividade 3 e explique que não é preciso entender todas as palavras do texto para fazer a atividade, mas sim lembrar das discussões já realizadas[...]retomar as ilustrações e encontrar palavras chaves(ou pistas) no texto que ajudem a relacionar os cumprimentos aos diferentes lugares em que ocorrem”(caderno do professor inglês nº 01, página 20)

[...]“Opcional: agende uma visita ao laboratório de informática e oriente os alunos para que visitem o site <http://www.videojug.com> (acesso em: 19 nov.2008), cuja indicação completa encontra-se no final deste caderno. Neles há alguns vídeos curtos sobre cumprimentos em diferentes culturas e depoimentos sobre o estranhamento muitas vezes vivido por aqueles que viajam a outro país.”[...] ”(caderno do professor inglês nº 01, página)

No caderno do professor nº 01 de Inglês para a 5ª série do Ensino Fundamental, observa-se que é solicitado ao aluno que leia os nomes de países, sendo que cabe ao professor orientar o sentido do texto que será construído a partir do que já sabem, do que

foi construído intersubjetivamente, o que é favorável à construção da leitura enquanto sentido, porém, pede-se ao professor que leia o enunciado ao aluno, portanto, o texto vem pelo ouvido e não pelos olhos. Para Bajard(2007),quando o professor lê para o aluno e o aluno escuta, o que ocorre “é a transformação da língua escrita a ser escutada, que por sua vez, pode ser compreendida”[...]”a compreensão por sua vez se daria a partir da língua oral já dominada”[...]”mesmo que sejam reconhecidas duas modalidades de leitura, em voz alta e silenciosa, continua existindo uma única atividade de compreensão, sempre vinculada à língua oral”(BAJARD, 2007,p.17). Aqui, assim, leitura no sentido de construir um processo autônomo, ler com os próprios olhos, não ocorre, já que o professor lê para o aluno, ele precisa da voz do professor para compreender e isto não é leitura.

No caderno existe a abordagem do uso do ciberespaço somente enquanto suporte, com a indicação de *site*, porém, a atividade consiste em ilustrar o que foi estudado e não a construção do processo de aprendizagem da linguagem. O suporte tecnológico não é um meio e sim algo que pode ou não ser usado pelo professor ou o aluno, assim, não se constitui como instrumento e objeto das práticas sociais de leitura.

2- GEOGRAFIA:

[...] Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.” A leitura, nesse caso, sintetiza a capacidade de escutar, supor, informar-se, relacionar, comparar etc. [...]”(Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.19)

[...] A tecnologia imprime um ritmo sem precedentes ao acúmulo de conhecimentos e gera profunda transformação quanto às formas de estrutura, organização e distribuição do conhecimento acumulado. Nesse contexto, a capacidade de aprender terá de ser trabalhada não apenas nos alunos, mas na própria escola, como instituição educativa. A vantagem hoje é que a tecnologia facilita a viabilização prática desse ideal. [...]”. (Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.10)

[...] “Sugerimos a leitura coletiva do texto seguinte, de autoria da Ecléa Bosi, de forma a exemplificar a importância da memória na reconstituição da história das cidades, e a apresentação de algumas imagens antigas da cidade de São Paulo. Uma alternativa é pedir para um grupo de alunos ler o texto em voz alta para os colegas”[...] (caderno do professor geografia nº 01, página 22)

[...]Roteiro para discussão do texto:

- Exploração do vocabulário: após a primeira leitura do texto do texto, pesquisar em um dicionário o significado das palavras desconhecidas.
- Após a pesquisa, fazer uma primeira releitura do texto
- sintetizar, na lousa, as ideias principais nele contidas
- Exploração do vocabulário: desvendar com os alunos o significado das seguintes expressões, no contexto: “mapa afetivo da cidade”, “esporte popular”, “esporte de massa”, “especulação imobiliária” e “fisionomia da cidade”. (caderno do professor geografia nº 01, página 23).

Leitura, na atividade do caderno 1 de geografia, é extrair a pronúncia antes de extrair o sentido. Ler se tornar uma atividade sonora. Quando os alunos realizam a leitura em voz alta, não existe preocupação com o sentido, já que o foco está na

pronúncia do que se irá dizer. Também, ao solicitar ao aluno que pesquise o que desconhece no texto, o foco não está na construção do sentido. Entendo que pesquisar o que não é compreendido não garante a construção do sentido, proporciona que ele não atribua um sentido inicial ao texto, ao fazer a busca do que não se compreende não se permite as inferências, que ajudam na busca do sentido, não permite que a ativar o que já se sabe na busca de compreender o que ainda é desconhecido, a preocupação é com o que ele não sabe e não com o sentido.

Apesar de ter a intenção de formar um leitor que compreenda o sentido, o sentido proposto nas atividades práticas não vem enquanto construção do próprio leitor e sim como construção do ouvinte, através da vocalização coletiva. A concepção de leitura, presente na atividade, como algo a ser oralizado pelo outro, leva a escola a ensinar o aluno a entender pela vocalização do outro e não, a construir sentido, o leitor não silencia para construir o sentido, sentido que pode sim, ser ressignificado com o outro, porém, ler na busca de atribuir sentido ao texto que se lê com os olhos e alma de leitor não é proporcionado pela situação proposta.

3- HISTÓRIA

“[...] A leitura e a produção de textos são atividades permanentes na escola, no trabalho as experiências profícuas de leitura pressupõem o contato do aluno com a diversidade de textos, tanto do ponto de vista da forma quanto no que diz respeito ao conteúdo [...]O texto é o foco principal do processo de ensino-aprendizagem. “[...] o texto só existe como tal quando atualizado em uma situação que envolve, necessariamente, quem o produz e quem o interpreta. [...]”

[...]” Forme duplas ou trios ou permita que os alunos se organizem livremente. O critério mais adequado somente você poderá definir, em função das características e necessidades da turma. Avise-os que cada um deverá fazer o seu dicionário e que a avaliação será coletiva no que se refere aos procedimentos de pesquisa e individual em relação ao produto final.

Explique que os objetivos da proposta é que os alunos pesquisem em enciclopédias, livros de apoio didático e *sites*, alguns conceitos ligados à Pré-história e à origem da escrita. Apresente os conceitos listados a seguir e solicite aos alunos que iniciem a pesquisa.

-pré-história; paleolítico; Neolítico; Pedra Lascada; Pedra Polida;

Nômade;

-Sedentário; Caça; Coleta; Pesca; Pinturas rupestres; Fogo.

Peça aos alunos que coloquem os conceitos em ordem alfabética e que comecem a pesquisa. Como se trata de um dicionário ilustrado, oriente-os a buscar informações em textos como também imagens relacionadas. (caderno do professor História nº 01, página 26).

O objetivo da atividade é a construção de um dicionário ilustrado, porém, os alunos são orientados a buscar informações em *sites*, na busca de textos, informações sobre palavras. Como construir o sentido para este dicionário? As práticas sociais não devem adentrar a escola? Para que uso dicionário? Para entender palavras que estão nos textos? Para me ajudar a construir o sentido? Nas práticas sociais os textos, as

dúvidas que não consigo resolver no próprio sentido do texto é que me levam a busca do dicionário. Fogo pode ter vários sentidos, “fogo no rabo do menino maluquinho”, “fogo que devastou a mata”, se ler é atribuir sentido, como construir um dicionário com palavras que estão conectadas na cabeça do professor, pelos sentidos que ele possui dentro do conteúdo que e pretende ensinar? A internet, o ciberespaço podem se constituir em um ambiente de construção de autonomia, onde leitor é autor de seu texto, entre os *links* ele vai de forma não linear escrevendo sua própria leitura, na busca do sentido, porém, professor é elemento que pode organizar este processo, não basta proporcionar o ambiente, é preciso ambientalizar, criar espaços para que ele se forme no ciberespaço.

LÍNGUA PORTUGUESA

“[...]Ler e escrever, hoje, são competências fundamentais para qualquer disciplina ou profissão. Ler, entre outras coisas, é interpretar (atribuir sentido ou significado), e escrever, igualmente, é assumir uma autoria individual ou coletiva (tornar-se responsável por uma ação e suas consequências). Ler, nesse sentido, é um modo de compreender, isto é, de assimilar experiências ou conteúdos disciplinares (e modos de sua produção); escrever é expressar sua construção ou reconstrução com sentido, aluno por aluno. [...]” (Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.19)

[...] Para uma sondagem inicial, sugerimos que você leia as duas narrativas a seguir e discuta com os alunos as características comuns ao texto [...]sugerimos uma primeira leitura de cada texto (dependendo da extensão, selecione aproximadamente quatro textos para leitura, incluindo os dois já indicados), com o objetivo de entrar em contato com as histórias e resolver dúvidas de entendimento superficial, como vocabulário. Depois faça uma leitura expressiva para, em um terceiro momento, propor que cada um desses textos seja lido com outro foco: se era 1ª pessoa, passar para 3ª, e vice-versa[...]o objetivo desta atividade é discutir os traços característicos das narrativas com base nas habilidades de oralidade e escuta. Portanto, é importante que as histórias sejam lidas em voz alta, de forma expressiva, e que a discussão se dê de forma oral. [...] (caderno do professor Língua Portuguesa nº 01, página 16)

[...]antes da análise, leia o texto, resolva as dúvidas de vocabulário e verifique, oralmente, se entenderam o que se passa no fragmento.[...] (caderno do professor Língua Portuguesa nº 01, página 39)

“recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema” (caderno do professor Língua Portuguesa nº 01, página 39)

[...]Sites releituras oferece grande variedade de textos literários e biografia de autores da literatura em língua portuguesa. Disponível em: <http://www.releituras.com>

Museu da língua portuguesa um achado no que se refere a curiosidade sobre nossa língua, mas também no que diz respeito a textos acadêmicos que poderão aprofundar a sua formação. Disponível em: <http://www.museu.dalinguaportuguesa.org.br>>

Portal literal oferece interessante conteúdo da literatura brasileira, contando com notícias, críticas e comentários sobre autores consagrados e novos nomes. Disponível em: <http://portal.literal.terra.com.br/verissimo> [...] (caderno do professor Língua Portuguesa nº 01, página 47)

A leitura proposta na qual o professor é aquele que profere o texto para que o outro entenda, não é leitura, Bajard (2007, p.24), diz que “a compreensão sozinha não é suficiente para definir o ato de ler: escutar um texto proferido – tarefa acessível a um analfabeto - não é leitura “. Leitura indica compreensão de um texto gráfico e não a compreensão de um texto proferido em voz alta, em ambos pode haver compreensão, só que a leitura requer autonomia, sentido construído pelo leitor, já no texto proferido, existe dependência do que o outro profere. Ensina-se o outro a compreender pela voz alta do professor, porém, nas avaliações é proibido ler, o aluno é ensinado de uma forma e avaliado do outro, tomando-se algo dicotômico, já que passa a ter que desvendar o sentido do texto gráfico que antes era proferido pelo professor. Mesmo tendo como objetivo as habilidades de oralidade e escrita, as situações propostas solicitam para o professor ler o texto, aluno trabalhar com vocabulário de forma descontextualizada, não sendo o sentido construído pelo leitor em foco e sim o que não é sentido, o que não se conhece.

A internet como suporte aparece ao final do livro, com sugestões de *sites*, não se constitui enquanto suporte de textos que podem contribuir durante as aulas para a formação do leitor e sim, apenas como sugestões ao professor e aluno.

4- CIÊNCIAS

“[...] esse leitor está associado a domínios de circulação dos textos próprios de determinadas esferas discursivas, ou seja, de âmbitos da vida social – como o trabalho, a educação, a mídia e o lazer – em que o texto escrito adquire formas particulares de produção, organização e circulação. Nesse sentido, todo texto articula-se para atingir um leitor socialmente situado, tendo em vista um objetivo definido, atualizando-se, em seu meio de circulação, sob a forma de um gênero discursivo específico. [...]” (Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.16)

“[...] antes de iniciar a leitura com seus alunos, converse com eles sobre jardins de maneira geral e os seres vivos que “moram” lá. É interessante que a conversa seja encaminhada com questões que estimulem a expressão oral dos estudantes[...]se possível, apresente para a sala apenas o título do texto e discuta sobre qual seria o assunto a ser tratado na leitura. Com certeza, os alunos apresentarão hipóteses muito interessantes, e isso também constitui uma preparação para a leitura. Separe a classe em duplas e leia o texto com a sala.

Após a leitura conjunta, peça para as duplas lerem novamente o texto e responderem o questionário. Leia cada questão com toda a sala e ressalte que os alunos devem expressar suas ideias sem a preocupação de acertar ou não as respostas.[...] (caderno do professor Ciências nº 01, página 11)

“escrito especialmente para o São Paulo faz escola” (caderno do professor Ciências nº 01,página 12)

[...] Para pesquisa na internet, discuta sobre possíveis palavras-chave que possam ser utilizadas para iniciar a pesquisa; comente também sobre *sites* confiáveis e não confiáveis e desaconselhe a consulta a *sites* de produção coletiva do tipo Wikipédia. Os sites de instituições de ensino, institutos de pesquisa, zoológicos, jardins botânicos e outros órgãos governamentais são os mais aconselháveis.

Durante as aulas reservadas para a pesquisa, supervisione o trabalho de cada grupo, verifique se todos os integrantes participam adequadamente e os auxilie em possíveis dúvidas. Dúvidas sobre vocabulário são sempre muito frequentes. Estimule o uso do dicionário, assim como a leitura atenta das informações selecionadas e a produção de uma síntese com as “palavras dos alunos”. (caderno do professor Ciências nº 01, página 19)

Observa-se que existe o levantamento dos conhecimentos prévios e levantamento de hipóteses, ambos de extrema importância para leitura, porém, o professor lê com a sala, na realidade o texto é vocalizado, o sentido do texto é pela escuta do outro e não pela leitura do aluno, professor profere, diz o texto, o sentido passa pela vocalização do texto. A leitura pode ocorrer no segundo momento, porém, os alunos não lerão para buscar o sentido, para responder suas próprias perguntas e sim para responder às perguntas do professor, não que isto não possa ocorrer, mas o aluno precisa atribuir sentido ao que lê, que também precisa ser discutido no grupo, para que novos sentidos possam ser construídos, para depois responder as perguntas da professora, que poderiam ser aquelas levantadas nas hipóteses iniciais. A escola didatiza de tal forma a interpretação que o aluno lê apenas para responder as perguntas da professora e não suas próprias perguntas. Também se percebe neste caderno, muitos textos escritos especificamente para determinada situação de aprendizagem, um texto que não teve sua função construída como Gêneros que circulam socialmente, um texto não usado fora da escola, é um texto didatizado, construído apenas para situação escolar, o que não compreende um gênero discursivo construído socialmente. Possui aulas reservadas para a pesquisa e orienta o professor como poderá ser um mediador neste processo.

5- MATEMÁTICA

[...] o Currículo proposto tem por eixo a competência geral de ler e de produzir textos, ou seja, o conjunto de competências e habilidades específicas de compreensão e de reflexão crítica intrinsecamente associado ao trato com o texto escrito. Nessa perspectiva, o texto só existe como tal quando atualizado em uma situação que envolve, necessariamente, quem o produz e quem o interpreta. Nesse sentido, os atos de leitura e de produção de textos ultrapassam os limites da escola, especialmente os da aprendizagem em língua materna, configurando-se como pré-requisitos para todas as disciplinas escolares. [...]”(Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.16)

[...]É importante problematizar a pesquisa, propondo uma questão a ser respondida. Por exemplo: Os números primos são infinitos? Qual o maior número primo já identificado? Existe uma aplicação prática dos números primos, atualmente? Recomenda-se que o professor oriente a pesquisa dos alunos, fornecendo indicações bibliográficas ou sites na internet que tratam com seriedade o assunto. [...] (caderno do professor Matemática nº 01, página 32)

[...] a tradução da operação para a língua materna favorece a compreensão do aluno sobre o que significa calcular 3 quintos de 45, por exemplo. Em seguida, usaremos a língua mista (parte numérica, parte

materna)para ampliar o significado das operações da adição e subtração entre frações[...] (caderno do professor Matemática nº 01, página 42)

No caderno de matemática, percebe-se a preocupação de que a sentença matemática, a operação matemática, seja esmiuçada pelo professor, porém, não existe a preocupação em trazer as práticas sociais da leitura da matemática no ciberespaço.

6- ARTE

“[...] Outros elementos relevantes que devem orientar o conteúdo e o sentido da escola são a complexidade da vida cultural em suas dimensões sociais, econômicas e políticas; a presença maciça de produtos científicos e tecnológicos; e a multiplicidade de linguagens e códigos no cotidiano. Apropriar-se desses conhecimentos pode ser fator de ampliação das liberdades, ao passo que sua não apropriação pode significar mais um fator de exclusão. [...]” (Currículo do Estado de São Paulo, 2010, pág.10)

[...] Sugerimos, inicialmente, a leitura de algumas imagens que ajudarão na percepção da tridimensionalidade e que podem, também, despertar outros aspectos potenciais, pelas múltiplas leituras próprias o universo da Arte. Porém é por meio das problematizações que o assunto do bimestre pode ser focalizado.

Para esta leitura, proponha primeiro que os alunos se dividam em grupos para conversar sobre as problematizações que estão no Caderno de Aluno[...] (caderno do professor Arte nº 01, página 14)

“sites de artistas e sobre arte” (caderno do professor Arte nº 01, página 36)

Arte apresenta a concepção de leitura como aquela que busca atribuir sentido, sentido que vai se construir com problematizações, conversas, na tentativa de atribuir sentido à imagem, há uma preocupação da leitura enquanto sentido, enquanto linguagem a ser compreendida.

O ciberespaço no caderno 1 aparece apenas como sugestão de sites para professor e aluno, não é um suporte para os diferentes gêneros presentes no caderno.

7- EDUCAÇÃO FÍSICA

[...] recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema [...] sites existem inúmeros sites sobre voleibol que podem auxiliar tanto o aluno quanto o professor em seus estudos e pesquisas para o aprofundamento do tema, com informações oficiais sobre competições e transmissões pela televisão. Também apresentam as regras oficiais da modalidade, algumas informações históricas, artigos informativos, seleção de fotos, as principais conquistas das seleções nacionais em várias categorias e acesso para outros site, bem como alguns vídeos. Disponível em[...] (caderno do professor Educação Física nº 01)

No caderno do professor nº 1, não há menção a leitura, porém, existe preocupação de construção de sentido das regras, dos movimentos, sem utilizar a leitura de gêneros textuais. O ciberespaço aparece apenas no final como sugestão ao professor e ao aluno.

Leitura no hipertexto, velhos usos nos materiais orientadores do currículo da SEE-SP

Arena(2010), fala sobre o desafio da escola no ensino do ato de ler enquanto prática social e não apenas enquanto domínio das bases do sistema linguístico, o que leva a pensar o ato de ler em seus diversos suportes, ler de forma linear ou não linear. Para a escola é importante, olhar para as propostas curriculares e os estudos sobre hipertexto, na busca de possibilidades diante do desafio de seu uso nas situações de aprendizagem escolar enquanto práticas culturais presentes na vida da maioria dos nossos alunos. Hoje, 60% da população brasileira faz parte da classe “C” que compreende uma classe em ascensão social, que tem como principal fonte de desejo de consumo de recursos tecnológicos, o que nos leva a pensar se a escola traz estas práticas sociais de leitura vivenciadas pelos alunos para o contexto escolar e como ela o faz.

Após análise amostral do currículo oficial percebe-se pouco, muito pouco de intencionalidade de ensino do ato de ler no hipertexto digital como prática social, assim, penso que é na escola, na proposta pedagógica escolar que esta intenção deve estar contemplada. O desafio da escola e do professor é a mediação no uso do suporte para o ensino do ato de ler, para que os alunos se construam enquanto leitores autônomos, vencendo a leitura como sinal a ser verbalizado ou oralizado, que só serve à escola, para tornar-se efetivamente, como nos diz Arena(2010), instrumento de pensamento, instrumento de formação do homem.

Foucambert(1980), pontua a necessidade de se pensar nos artesãos do ensino do ato de ler, os professores, medidas de formação permanente (inicial e contínua), faltam conhecimentos teóricos sobre leitura, já que a base teórica forneceria condições para que os professores realizassem a práxis necessária para as intervenções de ensino. Também aponta a necessidade de intercâmbio entre a ação de informação e formação.

O currículo oficial pretende formar o leitor, porém, ainda utiliza-se dos velhos e não dos novos usos da leitura, faz-se necessário investir na formação do professor enquanto mediador do processo de aprendizagem da leitura, o professor tem o direito de apropriar-se dos novos conceitos de leitura, para a busca de novas práticas que possibilitem formar cidadãos capazes de ler os e nos diversos suportes.

Após a pesquisa, concluo que o ensino da leitura proposta não se configura nos materiais e atividades propostas, assim, entendo que para o ensino do ato de ler como construção do sentido depende muito mais do professor como elemento que estude com a equipe escolar, na escola crie-se uma ambientação (SOUZA e GIROTTO, 2008) capaz de torná-la um organismo vivo, com ações e intenções claras no ensino do ato de ler,

sendo uma utopia possível o ensino do ato de ler. A não clareza do sentido de ler presente ou ausente material impresso oferecido pela SEE-SP não pode impedir um ensino intencional do ato de ler, com novos usos da leitura de acordo com as novas práticas sociais de leitura, contribuindo para que todos possam humanizar-se no sentido de apropriar-se da cultura construída pela humanidade ao longo da história.

REFERÊNCIAS

- ARENA, A. **A leitura de jornais impressos e digitais em contextos educacionais:** Brasil e Portugal. 2008. 255f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- ARENA, D. **Nem hábito, nem gosto, nem prazer.** In.: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). *Atuação de professores: proposta para ação reflexiva no ensino fundamental.* Araraquara: JM editora, 2003.
- BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura.** São Paulo:Cortez, 2007.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.
- CHARTIER, R. CARVALHO, G.(orgs).**História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 2002.
- FOUCAMBERT, J. **O que é aprender a ler? *l'Éducation*.** In “A leitura em questão”, de Jean Foucambert, editora Artmed, 1980
- _____. **A criança, o professor e a leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 2000.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.**Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias** /Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – São Paulo : SEE, 2010.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.**Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias** /Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Luis Carlos de Menezes. – São Paulo : SEE, 2010.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.**Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias** /Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – São Paulo : SEE, 2010.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.**Currículo do Estado de São Paulo: Matemática e suas tecnologias** / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Nilson José Machado. – São Paulo : SEE, 2010.
- SOUZA, R. J.; GIROTTO, C.G.G.S. (2008). **Literatura infantil e juvenil: seleção de livros e textos, justificativas das escolhas sob o olhar do professor do Ensino fundamental.** *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, 64-70, abr./jun. 2008.